

# ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA EPISTOLÓGRAFO

ERNESTO RODRIGUES\*

O tom epistolar de António José Saraiva é próximo e familiar com Óscar Lopes, agradecido com Luísa Dacosta, e, no caso de Teresa Rita Lopes, apaixonado. Exilado aos 42 anos, em urgência de amigos frente aos quais se desvela até à intimidade, as centenas de missivas entretanto conhecidas<sup>1</sup> são um testemunho raro para décadas de um singularíssimo percurso individual, bem como da política e cultura nacionais, em que a letra difícil e só por milagre datada ilumina outros universos — desde logo, a emigração e exílio franceses — e várias personalidades, mesmo fugidias. Também pontos altos do curso político internacional não são esquecidos.

Saraiva e Óscar Lopes tratam-se por tu, dirigindo-se um ao outro sem salamaleques. Assim Óscar Lopes, após informação quase sempre argumentada, mais longo e sistemático: «Meu caro», «Meu caro António José»; despede-se afetuosamente: «Abraço-te, mais uma vez», «Um abraço do Óscar», «*Salve, frater!*», «Teu/Óscar», «*Ex corde*», «Aquele abraço». O amigo é mais uniforme: «Meu caro»; fechando: «Um abraço do Saraiva/Um abraço do António José/*Vale*». Daquele vêm parabéns natalícios e aniversariais regulares, mais do que indicia uma correspondência notoriamente incompleta.

---

\* Universidade de Lisboa/Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias.

<sup>1</sup> *Corpus* deste artigo: *António José Saraiva e Óscar Lopes: Correspondência*. Edição de Leonor Curado Neves, 2005; *António José Saraiva e Luísa Dacosta: Correspondência*. Ed. de Ernesto Rodrigues, 2011; *Cartas de Amor de António José Saraiva a Teresa Rita Lopes*. Ed. de Ernesto Rodrigues, 2013, todos em Lisboa: Gradiva.

Desde o pós-guerra até finais de 1992, há questões práticas e administrativas a resolver sobretudo, à volta na *História da Literatura Portuguesa*; emerge um profícuo debate de ideias e uma biografia intelectual a reconfigurar-se.

É pena que nem toda a correspondência de Óscar Lopes pudesse ter entrado no volume organizado por Leonor Curado Neves; não vejo razão para tal impedimento. Ajudaria a datar melhor Saraiva, cujas duas cartas dos anos 40 são imprecisamente datadas, quando há uma de Óscar Lopes do Natal de 1947. Nos anos 50, tem Saraiva quatro de 1958 e duas de 1959, quando Óscar Lopes já escreve em 27-VI-1951 (referindo postal enviado antes) e 11-XI-1951: esboça-se a *História da Literatura Portuguesa*, com divisão de tarefas, e dá-se pasto a alguma má-língua que não vou particularizar. Dificuldade maior é que em muitas de Óscar Lopes falta o ano, que eu remeteria para a década de 50. Os anos 60, com Saraiva em Paris desde 1959, são copiosos (p. 61-281), e, desde a p. 216, dá-se o intercâmbio, com carta de Óscar Lopes de 2-IX-1969. Cuidadosa nas anotações, Leonor Neves reduz a E. L. um explicitamente criticado Eduardo Lourenço. Deveria ter entrado missiva de 12-XII-1971, em que vemos Lopes acrescentando bibliografia de responsabilidade saraiviana na *História...*, e um pedido instantâneo: «manda mais original, tem paciência, e faz mais umas festinhas a este menino de paternidade dupla [...]». Faltam outras, em que esse manual continua a ser preocupação maior: de 2-I-1977, 16-I-1978, 24-VI-1990, 17-VII-1990, 27-VIII-1990, 26-IX-1990, 4-X-1990, 12-XI-1992. Não haveria cartas de Saraiva em 1990? Nas p. 466-467, Leonor Neves interroga 30-IX-1991, quando, a avaliar por carta omissa de 3 de setembro, estamos em 1990, centenário da morte de Camilo, referido nesta. Salvo o que, essa *Correspondência* de dois vultos maiores é uma preciosidade.

Por falar em Camilo, também este serviu a Saraiva para, entre os muitos debates político-literários suscitados, combater o Neorrealismo: «O neo-realismo é que é pequeno-burguês. O Camilo chegou muito mais ao povo que os nossos neo-realistas. E nota ainda que o Ferreira de Castro é menos pequeno-burguês que a maior parte dos neo-realistas de escola»<sup>2</sup>.

Esse combate prossegue junto da antiga colega da Faculdade de Letras de Lisboa Luísa Dacosta, um ano depois de abandonar o Partido Comunista:

*Em resumo, o neo-realismo é, hoje, a ala conservadora da nossa literatura, e contra eles apoio, por exemplo, uma Agustina Bessa-Luís, que, sob roupagens tradicionalistas, representa literariamente (e isto é o que interessa) algo de muito mais inovador. Bem sei que politicamente ela não é do contra, mas eu recuso-me a deixar-me desorientar pelo equívoco que daí resulta*<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> NEVES *ed.*, 2005: 213; carta de 29-VII-1969.

<sup>3</sup> RODRIGUES *ed.*, 2011: 100; 26-X-1964.

Correspondendo-se desde 1961, sem abandonar a terceira pessoa no costumado «Minha Amiga» (só duas vezes desliza para «Querida Amiga»), a Luísa Dacosta envia «lembranças» ou «saudades», e raros abraços. O «muito amigo», grato, gosta de evocar os pequenos incidentes de uma vida instável de bolsheiro e investigador, que no-lo aproximam nos anos de Paris, onde vive entre 1959 e 1970.

Redobra de atenção para com os escritos da interlocutora, que lhe suscitam revisões conceptuais e inspiram projetos jamais ultimados. Esta correspondência, desde o postal breve à lição e ao ensaio, regurgita de premonições e profecias. Parte, entretanto, de um incomum faro analítico, desaguando em sínteses notáveis, que outros aproveitarão.

Ao regular desânimo e solidão do quarto vazio soma-se a dispersão de quem anda sempre a correr, como confessa, em 22-VI-1964:

*Mas tenho um problema grave de dispersão. Acabo por não fazer nada com profundidade. Realismo, Marxismo, Jesuítas, Inquisição, Escravatura, Alienação – como é que tudo isto pode caber num saco? Sou, ao mesmo tempo, um jornalista, um ensaísta e um amador de investigação, e, ainda por cima, gosto de viver à flor da pele, tomar banhos de sol e nadar (ou fingir). E, para complicar mais as coisas, gosto de dormir 8 ou 9 horas por dia<sup>4</sup>.*

O atraso nas respostas fica também a dever-se à invencível falta de tempo, que o deixa infeliz. Sobrepara a vontade de «uma grande carta, dando-lhe novidades importantes»<sup>5</sup> — mas é Óscar Lopes quem beneficia de alguns longos fólhos, bem argumentados, ideologicamente, e disparando sobre uns tantos bonzos das nossas letras, além de ironias que reitera sobre o neorrealismo; sujeito com «vários fios de vida entre as mãos», em que «cada um deles é independente dos outros e não resolve os problemas dos outros», confessa: «Vivo em fatias sobrepostas e impermeáveis entre si»<sup>6</sup>.

Assim, a instabilidade de emprego no Centre National de Recherche Scientifique, com renovação anual do contrato, o sonho de ir para o Brasil, preocupações familiares ou a paixão devoradora pela pintora Martha Teles, que o deixa esgotado, mesmo à beira do suicídio, não explicam tudo. Encontros e desencontros com opositoristas mais ou menos grados acrescentam à amargura e à dissipação; no intervalo, certos retratos, inclusive de intelectuais *sorbonnards* e manifestantes de rua, podem surpreender-nos. Leituras do dia, a reportagem de campista selvagem com os filhos em verões franceses ou visitante da União Soviética, eis exemplos pincelados com segurança e clara linguagem, que nos deliciam.

<sup>4</sup>RODRIGUES *ed.*, 2011: 90.

<sup>5</sup>RODRIGUES *ed.*, 2011: 24; 25-I-1962.

<sup>6</sup>RODRIGUES *ed.*, 2011: 36; 17-V-1962.

As dirigidas a Teresa Rita são outra loiça, e, por isso, o seco título de *correspondência* foi passado a *cartas de amor*. Sem desprezo do debate sobre teatro, poesia, etc., não há, nestas, no desejo vivo de se sentir amado, «uma fraqueza do sentimento, nem ameaça de ridículo» (escrevi no Prefácio), ainda nos vocativos mais ternos («Minha Querida», «Amor», «Amorzinho», «Amor, Querida», a novidade do próprio nome, «Teresa»), não raro passados de *Queridinha* a *Quidinha*. A assinatura quase sempre completa nas dirigidas a Luísa Dacosta resume-se, agora, a «António», «António José», «A. J.», «Teu A. J.», «Eu», «Quido», após «Beijo-te, Amor», «muitos/mil beijos», «muitos beijos e saudades», e demais achados sensíveis inesperados em quem escreve entre os quarenta e sete e os sessenta e oito anos. Vigilante, risonhamente autocrítico, acompanhamos o estudioso e veraneante, enquanto, ocupando-se do trivial e prático, de pequenos nada, de arranjos domésticos, da saúde e da Universidade, a paixão não esmorece durante mais de duas décadas. É um conjunto inesperado, e texto sem correções (como nas outras missivas), em autor que reviu quase toda a obra, e, particularmente, a *História da Cultura em Portugal*, cujos volumes, após a sua morte, em 1993, Leonor Neves e eu levámos a bom termo. Concluí: «Hino ao amor de alguém muito para lá da meia-idade em assomos adolescentes (ansioso pela carta que não chega, em sonhos de futuro, a dois...), é uma prosa simultaneamente sóbria, lírica, a espaços, já irónica, com a liberdade de quem abandona gravata, mas não os trinados do coração»<sup>7</sup>.

Passando do amigo, camarada (ou ex-camarada) de Partido e coautor da *História da Literatura Portuguesa* Óscar Lopes, ao investigador precisado de pequenos favores bibliográficos, e sempre generoso, com Luísa Dacosta, temos, neste terceiro volume, *o amor em visita*, um amor conversado, quase sempre repousante, sorridente, de alguém que, como Teresa Rita Lopes diz, «precisava de viver apaixonado — por ideias e por pessoas»<sup>8</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

- NEVES, Leonor Curado, ed. (2005) — *António José Saraiva e Óscar Lopes: Correspondência*. 2ª ed. Lisboa: Gradiva.
- RODRIGUES, Ernesto, ed. (2011) — *António José Saraiva e Luísa Dacosta: Correspondência*. Lisboa: Gradiva.
- \_\_\_\_\_. ed. (2013) — *Cartas de Amor de António José Saraiva a Teresa Rita Lopes*. Lisboa: Gradiva.

<sup>7</sup> RODRIGUES ed., 2013: 19.

<sup>8</sup> RODRIGUES ed., 2013: 6.